

VIDA A PARTIR DA MORTE



Coleção **FIDES QUAERENS**

- *Maria para hoje*, Hans Urs von Balthasar
- *Verdade é sinfônica (A): aspectos do pluralismo cristão*, idem
- *Vida a partir da morte*, idem

HANS URS VON BALTHASAR

VIDA A PARTIR DA MORTE
meditações sobre o mistério pascal



PAULUS

Título original:

Maria für heute (1984, 4^a2016)

© Johannes Verlag Einsiedeln, Freiburg

Tradução do alemão: *Ney Vasconcelos de Carvalho*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televentas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**



1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4440-3

I.

VIDA RUMO À MORTE

A morte é o que há de mais cotidiano – os jornais publicam, diariamente, páginas e mais páginas de anúncios de obituários e funerais, que passam despercebidos por todos os não envolvidos – e, quando se trata do caso de pessoas queridas, é o que há de mais incompreensível, uma vez que pulveriza o pouco de sentido reunido arduamente ao longo da vida e o lança aos quatro ventos. Onde se faz presente a morte de alguém que nos é caro, de uma pessoa que amamos, todo o sentido da vida é colocado entre parênteses; esse sentido não possui um valor definitivo, mas é, na melhor das hipóteses, fragmentário. Em um infinito oceano de falta de sentido, nós conseguimos avistar algumas ilhas de significado. E “a visão para o além nos é barrada”, nenhuma espiadela por detrás da cortina, nenhuma tentativa de adivinhação – espiritismo, a doutrina da metempsicose, ou o que mais o homem conseguir inventar – será capaz de desvendar o mistério. O materialismo, menos ainda; estender o encaideamento desses fragmentos de significado em direção ao futuro, na esperança de que, um dia, ele se torne completo é algo para lá de utópico. Temos de nos conformar com o fragmentário. Porém, não haveria aí uma contradição: que possamos ter a noção de sentido ou significado, sem conseguirmos sequer traçar sua linha?

É necessário, em primeiro lugar, que abordemos essa contradição, inerente a toda a existência humana, e aparentemente insolúvel no plano puramente humano. Entretanto, uma vez que o cristianismo se apresenta como salvação para o homem, precisamos escutar que solução ele oferece para esse paradoxo, em última instância insuportável. Isso será feito em um terceiro e conclusivo ponto. Entre esses pontos, no entanto, na

parte central, tentaremos encontrar, na existência humana, algo a que a solução cristã possa se referir, pois sem isso, afinal, o elemento cristão não seria capaz de se ligar efetivamente à nossa condição existencial. Certamente, esse ponto de partida se tornará visível e eficaz apenas se o elemento cristão se tornar evidente em si mesmo, do contrário ele permanecerá exposto a perigosas falsas interpretações.

1. EXISTÊNCIA NA CONTRADIÇÃO



O bebê arregala os olhos para o mundo. Nada daquilo que ele percebe – formas, cores, ruídos... – lhe é compreensível. Para ele, os fenômenos não são nem familiares nem estranhos, pois ainda não é sequer capaz de relacioná-los a si mesmo. Seu “eu” ainda não lhe foi revelado; o que ele possui de consciência encontra-se a meio caminho entre sujeito e objeto. O que há, porém, de mais maravilhoso entre todos aqueles milagres dos primeiros momentos é que, certo dia, o sorriso da mãe é reconhecido pela criança como um sinal de sua aceitação no mundo, e que, uma vez que ela responde ao sorriso, o centro do seu próprio “eu” lhe é revelado. Ela se encontra a si mesma porque foi encontrada. E porque um “tu” a encontrou, ela se torna capaz de incluir em um relacionamento de familiaridade todos os vários “eles” que a circundam. Isso vale para todos aqueles anos em que a criança se desenvolve na segurança do seio familiar. Quando surge algo de estranho, ele é, se possível, incluído no círculo familiar; se não, é ignorado. Natureza e espírito estão harmoniosamente reunidos.

A puberdade traz um primeiro questionamento a essa harmonia. O ser humano que está amadurecendo reconhece, pela primeira vez, sua singularidade enquanto pessoa e experimenta, com isso, uma solidão até então desconhecida. Ele sabe que está acima do puramente natural, que não é um mero exemplar de uma espécie, como os animais. E com a

descoberta de sua singularidade, abre-se ao jovem um fantástico e ainda indeterminado horizonte de uma totalidade de sentido que venha a corresponder à sua condição de pessoa humana. Ao mesmo tempo, porém, amadurece a sua capacidade sexual, que o introduz no ciclo da vida de sua espécie.

As primeiras experiências amorosas serão a tentativa inconsciente de unir as duas coisas; o aspecto arrebatador das experiências encobre, no início, a contradição, que, no entanto, com as inevitáveis decepções, surge de modo ainda mais contundente. O jovem, desiludido, sente-se enganado, não apenas por seu parceiro, mas, e de modo ainda mais profundo, por sua própria natureza. Esta última exige – e, ao longo de toda a sua vida, não deixará de fazê-lo – que ele inscreva algo de definitivo sobre a superfície de um material efêmero.

A experiência se torna aguda quando um jovem se pergunta sobre o que gostaria de *realizar* em sua vida. É uma pergunta que um artista talvez experimente mais conscientemente e, por isso mesmo, de modo mais atormentado; algo do tipo, porém, é também percebido por um operário, um camponês ou um comerciante. O homem quer criar algo de permanente, que sobreviva ao tempo, afirmando algo de definitivo, que seja a expressão de seu caráter único e singular. Naturalmente, a pessoa também tem de fazer, às vezes, algo de puramente transitório, como decorar uma sala para uma festa. E pode, mesmo em algo desse gênero, colocar algo de sua personalidade. Mas o anseio do homem vai além; ninguém deseja inscrever a obra em que procura se expressar de modo completo em uma pura transitoriedade. Ao contrário, uma forma deve ser urdida de tal maneira “que nenhum tempo ou poder possa destruí-la”.

No entanto, ele sabe que tudo o que é terreno está gravado no areal da transitoriedade. Se apenas lançarmos o olhar para a história da arte, veremos o quanto já foi destruído e nunca mais será recuperado. Podemos citar alguns exemplos dessas grandes perdas: quase toda a obra de Safo, de Ésquilo e de Sófocles; na música, várias óperas de Monteverdi, mais de vinte composições de Bach, a Sinfonia Gastein, de Schubert; na pintura, todos os gregos, quase tudo dos romanos, a Santa Ceia, de

Leonardo da Vinci, e os afrescos de Pisa, de Gozzoli, na última Guerra Mundial, que também sacrificou os românticos alemães; na arquitetura, quantas ruínas – de Borobudur a Cluny, quanto não foi destruído pelos terremotos, e quantas construções não conservam senão uma atmosfera sombria, como o Partenon ou a grande Esfinge.

Vários povos, que construía pensando em seus deuses, puderam demolir quaisquer vestígios de ruínas anteriores, pois sabiam-se capazes de construir algo melhor; e assim o fizeram. Nesse sentido, nós nos tornamos mais pobres e preferimos, então, o caminho da restauração, cimentando abóbadas góticas em ruínas, desde que tenhamos verba para isso. No Leste, tal verba parece cada vez mais escassa. Tudo isso, porém, não significa que os artistas do nosso tempo não queiram, a exemplo dos seus predecessores, expressar nada de valor. Eles apenas encontram uma dificuldade maior, uma vez que os produtos tecnológicos, todos voltados para as necessidades cotidianas, absorvem de tal modo as forças criativas e inventivas das mentes contemporâneas, que se torna bem mais difícil que suas expressões ultrapassem essas barreiras e se façam audíveis e visíveis. No entanto, mesmo em nosso tempo, há grandes obras que nos atestam que os criadores não perderam a coragem de lutar contra a transitoriedade.

Ao lado da arte, outra contradição na existência humana deve ser levada em consideração. Já nos referimos a ela quando de seu surgimento no amor juvenil. Ela surge de modo mais retumbante no casamento, quando este é ainda levado a sério. Duas pessoas decidem pertencer uma à outra “por toda a vida”. Elas o fazem, porém, tendo em vista uma eternidade, pois desejam se amar definitivamente. “Por toda a vida” não significa, de modo algum: “Eu quero te amar enquanto estiveres com vida; depois disso eu estarei novamente livre”. Esse compromisso diz respeito à contradição de algo definitivo no interior dos limites do tempo. Um dos dois irá morrer antes que o outro. E é sempre um doloroso paradoxo quando o que está morrendo libera, por amor, o que lhe vai sobreviver: “Procura casar novamente; do contrário, ficarás tão solitário...”.

No entanto, uma vez comprovada a contradição, de que o homem gostaria, ou até mesmo sente-se impelido a realizar algo permanente em

meio à transitoriedade da existência humana, ainda não dissemos tudo. A contradição não é apenas irrevogável, mas possui uma estranha necessidade, ou mesmo uma fecundidade. Georg Simmel e, após ele, Max Scheler, ressaltaram-na: justamente porque o meu prazo é limitado, eu tenho, e também posso criar nesse prazo algo sobre o qual assumo total responsabilidade. Se ele não tivesse um fim, e seguisse interminavelmente adiante, eu poderia, então, revogar novamente cada uma das minhas decisões, tudo seria reversível, andaria em círculos. Prazos adquirem sentido apenas se caminham na direção de um objetivo, de um fim (diz-se, em alemão: “im Sinn des Uhrzeigers” [no sentido dos ponteiros do relógio], e, em francês: “sens unique” [sentido único], para as ruas de mão única). E justamente porque eu me reconheço livre para uma escolha, para uma obra, para o amor de uma pessoa, afirmo a consciência acerca da singularidade da minha vida finita.

Eu encaro de frente a contradição da minha existência, pois sei que a matéria em que gostaria de cravar uma forma definitiva não irá resistir, seja ela a matéria com a qual trabalho como operário ou a matéria das minhas horas que se diluem, que, com absoluta certeza, me será retirada no último dos meus dias. O que melhor poderei dizer, então, será que, nos meus momentos mais iluminados, nas minhas decisões básicas mais positivas, eu gostaria de ter feito algo de duradouro e válido, ainda que soubesse que a maior parte dessa existência iria se decompor em lixo e mofo. Não apenas minha vida biológica tem um fim, mas também minha vida pessoal, a partir da qual eu tentei criar algo de verdadeiramente significativo. Não consigo ver, enfim, nenhum modo de resolver a questão; nem pretendo afirmar ter feito tudo o que poderia. Entretanto, não teria chegado ao mesmo ponto, ainda que tivesse me aplicado de modo mais adequado?

Que abismo de ignorância nos espera no término de nossa vida, ou, na verdade, acaba predominando sobre toda a sua duração... Não é necessário chamá-la de resignação ou afirmar que, em nossas realizações, enterramos a cabeça na areia, como uma avestruz. Temos, apenas, uma ignorância acerca do fogo consumidor sobre o qual todos construímos nossos empreendimentos. O sentimento por trás de tudo não deveria ser, então, o da angústia?